



**Vida Económica**

28-02-2014

<b>Periodicidade:</b> Semanal	<b>Temática:</b> Economia
<b>Classe:</b> Economia/Neócios	<b>Dimensão:</b> 470
<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/Cor
<b>Tiragem:</b> 26000	<b>Página (s):</b> 1/5



MARIA DA GRAÇA CARVALHO, RELATORA DO PROGRAMA ESPECÍFICO DE EXECUÇÃO DO HORIZONTE 2020, AFIRMA

**“Qualquer empresa consegue encontrar o seu lugar no Horizonte 2020”**

Página 5

MARIA DA GRAÇA CARVALHO, RELATORA DO PROGRAMA ESPECÍFICO DE EXECUÇÃO DO HORIZONTE 2020, AFIRMA

## “Qualquer empresa consegue encontrar o seu lugar no Horizonte 2020”

As áreas que interessam a Portugal estão todas representadas no Horizonte 2020: energia, indústria transformadora, transportes, ambiente, TI, materiais, biotecnologia, agroalimentar, segurança e qualidade alimentar, floresta, mar, herança cultural e indústrias criativas. “O âmbito é tão vasto que qualquer empresa consegue encontrar o seu lugar no Horizonte 2020. Tem é que aprender, não desistir e ser persistente”, afirma à “Vida Económica”, Maria da Graça Carvalho, relatora do programa específico de execução do Horizonte 2020.



“O Horizonte 2020 é uma grande oportunidade para a Europa e para Portugal, porque estamos relativamente bem organizados nas universidades e nos centros de investigação para concorrer”, afirma Maria da Graça Carvalho.

JOÃO LUIS DE SOUSA  
CÁTIA CANDEIAS  
ANA PAULA MESQUITA

**Vida Económica - Como vê o enquadramento do programa Horizonte 2020, em contraponto com o anterior, o Sétimo Programa Quadro?**

**Maria da Graça Carvalho** - Este é o 8º programa de ciência e inovação e pela primeira vez teve um nome. É um programa muito diferente. Pela primeira vez cobre um ciclo de inovação. O ponto fraco da Europa, muito em particular de Portugal, é precisamente esta passagem do conhecimento de programas estruturais para a economia e para a sociedade. O Horizonte 2020 tem um pilar dedicado à excelência académica e um segundo pilar dedicado à liderança industrial, com o objetivo de manter a liderança nos setores onde a Europa ainda é líder mundial, contribuindo para a sua recuperação.

Um terceiro pilar é dedicado aos desafios sociais: no fundo é pedir à ciência e à inovação para ajudar a dar resposta aos velhos problemas da Europa: a saúde e o envelhecimento em primeiro lugar, seguido de outros temas como as energias limpas ou as alterações climáticas.

**VE - O financiamento aumentou...**

**MGC** - Este é um programa ambicioso com um financiamento maior e, a nível mundial, o maior programa de ciência e inovação. O financiamento maior explica-se pelo facto de a inovação ser muito cara em determinadas áreas, como a Energia, a Aeronáutica, as demonstrações a nível de escala real. Daí o aumento do financiamento no ordem dos 34%, quando comparado com o anterior programa.

Mesmo assim, será necessário que os projetos não se financiem só no Horizonte 2020, mas que encontrem um financiamento através de vários fundos, nacionais ou privados, e através de consórcios.

O Horizonte 2020 é uma grande oportunidade para a Europa e para Portugal, porque estamos relativamente bem organizados nas Universidades e nos centros de investigação para concorrer, mas mesmo

assim menos bem organizados do que no setor privado.

Há, por isso, ainda um grande trabalho a fazer de divulgação, de organização e de capacitação das entidades para terem sucesso neste programa de apoio.

**VE - Quais são os principais setores em Portugal que podem beneficiar do Horizonte 2020?**

**MGC** - Os setores que têm tido melhores resultados são os setores do Espaço e da Segurança, o que, à primeira vista, pode surpreender. Este resultado tem a ver precisamente por termos tido um processo de capacitação nas empresas destas áreas. Neste momento, no entanto, as áreas que interessam a Portugal estão todas representadas no Horizonte 2020.

Energia, indústria transformadora, transportes, ambiente, TI, materiais, biotecnologia, agroalimentar, segurança e qualidade alimentar, floresta, mar, herança cultural e até indústrias criativas: está tudo no Horizonte 2020.

**VE - Há oportunidades para todos, portanto?**

**MGC** - O âmbito é tão vasto que qualquer empresa consegue encontrar o seu lugar no Horizonte 2020. Tem é que aprender, não desistir e ser persistente.

**VE - A linha do mar é autónoma e tem alguma dotação própria?**

**MGC** - Tem uma dotação na energia, transportes, ambiente e bioeconomia. Definimos uma área global em relação ao mar.

**VE - E o mesmo para a herança cultural?**

**MGC** - Sim, a herança cultural é uma área que não é tão tecnológica, mas que é importantíssima para a tecnologia e para a indústria. Dediciei-me muito a perceber os pontos fortes e fracos da Europa. Um dos pontos fortes da Europa é a sua herança cultural e que faz com que consiga ser líder

**“Há muito trabalho a fazer em Portugal de divulgação e de ajuda às PME para concorrerem e serem bem sucedidas nestes programas”**

a nível mundial com muitos produtos, nomeadamente os produtos de luxo, e é preciso tirar mais partido disso noutros setores.

**VE - O que vão as empresas poder encontrar de novo no Horizonte 2020?**

**MGC** - Há uma novidade que é um programa para as PME concorrerem isoladamente. Mas vai ser para PME muito inovadoras e competitivas. Esta é, aliás, uma das áreas em que eu receio a participação portuguesa. Há muito trabalho a fazer em Portugal de divulgação e de ajuda às PME para concorrerem e serem bem sucedidas nestes programas.

É uma questão de estarem habituadas a concorrer internacionalmente, de conhecerem o novo programa porque não vão ter a ajuda do consórcio, vão concorrer sozinhas.

**VE - Mas já têm de ser projetos com alguma dimensão?**

**MGC** - Não, este apoio para PME será concretizado em três fases. Há a fase de conceção da ideia, depois há a fase de produção e, finalmente, a fase de entrada no mercado. Não são projetos muito grandes, são projetos na ordem das centenas de milhares de euros. É destinado a PME inovadoras para começarem uma ideia ou um projeto.

**VE - Não há sobreposição entre os programas nacionais e o Horizonte 2020?**

**MGC** - Essa foi uma discussão grande no Conselho. O Conselho Europeu e os

Estados-Membros têm muito a ideia que as PME são da competência dos Estados-Membros e que não devem ser financiadas ao nível da União Europeia.

Alguns países têm programas muito parecidos, por exemplo a Holanda e o Reino Unido. Este programa pode dizer-se que é complementar a estes projetos europeus.

**VE - Como têm sido os resultados das candidaturas portuguesas?**

**MGC** - Temos uma boa performance nos vários programas-quadro, com taxas de aprovação significativas.

**VE - Fez o trabalho de relatora, mas ainda faz o acompanhamento.**

**MGC** - O trabalho do Parlamento, como uma entidade que faz a legislação e que é parte da co-decisão, teoricamente, acaba quando está feita a votação. E muitos dos meus colegas fazem isso, mas acho que se deve fazer o acompanhamento. Porque temos outros mecanismos que não são tão formais mas que a Comissão respeita muito.

**VE - Três conselhos para empresas que estejam a começar de forma a obter sucesso na sua candidatura?**

**MGC** - Uma proposta, para ser bem sucedida, tem de ter passado por uma fase de algum escrutínio e de algum contacto com a Comissão. É raro uma proposta ser aprovada sem ser conhecida e ter sido já discutida. É muito importante o contacto com a Comissão, direto ou através de associações, no sentido de conseguir orientação por parte da Comissão em relação à dimensão, ao equilíbrio do consórcio, aos objetivos.

É importante olhar para as propostas da área que vão concorrer e que foram bem sucedidas para perceber como são os consórcios, como funcionam, quais são os objetivos. Não se trata de fazer igual porque uma candidatura tem sempre de ser inovadora; trata-se de perceber e aprender com as boas práticas.

E, por último, não desistir se não for aprovado à primeira!